A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PAULA MARIA DA SILVA

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de contribuir com os estudos que fundamentam a importância do brincar na educação infantil e sua relevância para o desenvolvimento das crianças. O texto em questão trará importantes contribuições e opiniões de renomados teóricos e estudiosos acerca do tema ora exposto, no sentido de que é preciso levar em consideração que o brincar deve abarcar os conteúdos da faixa etária de 0 a 6 anos de idade. O texto em questão trata também das considerações do brincar como conteúdo pedagógico, apontando as diversas formas de se utilizar esse recurso para promover o aprendizado das crianças na educação infantil. Abordar-se-á ainda a questão do resgate das brincadeiras tradicionais no âmbito escolar como meio de difusão e preservação das diferentes culturas, atribuindo a cada uma o seu real valor.

Palavras-chave: Brincadeiras; Educação Infantil; Criança; Infância.

Introdução

Desde seus primórdios, a humanidade tem construído diferentes olhares para a criança, a infância e a brincadeira nessa fase da vida. Na Idade Medieval (do século V ao XIV), as crianças compartilhavam com os adultos das mesmas brincadeiras e atividades de lazer, alimentação, vestuário, trabalho. Não havia, nesse sentido, nenhum cuidado especial que as preservasse dos conteúdos dos mais velhos. Por isso, alguns autores definem as crianças dessa época como "adultos em miniatura". Elas colaboravam como membros da família em todos os aspectos. Observando-se os quadros que retratavam as reuniões de família dessa época, pode-se notar muita sobriedade no estilo das crianças que os compunham. Nesse contexto, a educação se dava basicamente pela transmissão oral e o foco das aprendizagens era o ofício das famílias, da classe social à qual pertenciam. As poucas escolas que existiam pertenciam à Igreja Católica, que exercia forte influência política e econômica na sociedade. Um dos estudiosos da época foi São Tomás de Aquino (1224-1274) que, assim como Aristóteles, via no brincar uma atividade de relaxamento e recreação.

No decorrer dos séculos, a concepção de criança e de infância foi se modificando e, a partir das contribuições de grandes estudiosos como o médico e psicólogo francês Henri Wallon, o biólogo suíço Jean Piaget, o psicólogo Russo Lev Vygotsky, entre tantos outros teóricos, passou-se a entender a criança como um ser pensante e em constante desenvolvimento, porém com suas peculiaridades em relação ao adulto.

Nesse contexto, a criança passou a ser vista sob uma ótica diferenciada e, a partir de então, vários estudos e pesquisas sobre o universo infantil foram e continuam sendo realizados com o intuito de conceber a infância como uma fase que necessita de especial atenção, pois este é o período em que o indivíduo está se formando sob todos os aspectos; biológico, cognitivo e psicossocial. Nesse sentido, busca-se também, por meio de estudos, desenvolver meios para auxiliar e tornar pleno o desenvolvimento infantil.

A criança, a partir do seu nascimento, inicia seu processo de aprendizagem, mas há de se deixar claro que ela somente se desenvolverá se receber estímulos do meio. Se logo após seu nascimento, o bebê for trancado em um quarto sem nenhum contato com o mundo exterior, certamente, ao sair de lá, já na fase adulta, ele não terá desenvolvido a fala e não conseguirá interagir com outras pessoas e com os objetos. Este exemplo serve para reforçar o quão importante é o contato das crianças, desde muito pequenas, com o ambiente que a cerca, para propiciar seu desenvolvimento integral.

O Brincar como meio de expressão da criança

Ao brincar, a criança se utiliza das mais diversas formas de expressão. Enquanto brinca, ela se desenvolve plenamente, todas as suas funções cognitivas são ativadas, além é claro, do prazer que este lhe proporciona.

Durante as brincadeiras, a criança, tanto pode se utilizar de imitações como a mamãe cuidando da filha, quando brinca com a boneca, ou o papai dirigindo o caminhão, quando brinca com carrinhos, ou ainda a imitação de várias profissões, como professor, médico, bombeiro, cozinheira etc. como também, ela pode criar brincadeiras fictícias de outras situações de vida. Há, contudo, determinadas situações de brincadeira da criança em que o educador pode interpretar de maneira equivocada, como, por exemplo, quando a criança dá palmadas na boneca ou lhe puxa os cabelos, logo, conclui-se que essa criança está sendo vítima e maus tratos em casa, ou ainda, o menino que veste uma fantasia de princesa e logo se imagina uma questão de opção sexual. É necessário tomar muito cuidado com as interpretações que se atribui às brincadeiras das crianças, levando-se em consideração que este é o momento de experimentação, de apropriação e de con-

frontação com a cultura.

Para Freud (1856-1939), o brincar é um meio para alguém conhecer as características do funcionamento psíquico do sujeito. Sua importância está relacionada ao investimento afetivo que, por meio dele o indivíduo expressa. Na sociedade contemporânea, principalmente com o avanço da tecnologia, a vivência do brincar está perdendo espaço nos lares das crianças brasileiras.

Nesse sentido, torna-se imprescindível o papel da escola e mais especificamente do professor em proporcionar as brincadeiras como conteúdo de aprendizagem para essas crianças. Nesse sentido, Kishimoto (2010) destaca que:

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p.1)

No contexto escolar, existem duas formas de brincadeira, a livre e a dirigida. Nas brincadeiras livres, as crianças escolhem como e com o que irão brincar. Deve-se ressaltar que, mesmo quando o professor propõe uma brincadeira livre, de certa forma ela também é dirigida, isto é, há uma mediação do adulto, como por exemplo, a delimitação de um determinado espaço, bem como as orientações referentes aos cuidados que se deve tomar ao correr, pular etc. No entanto, as brincadeiras propriamente dirigidas trazem em si toda uma intencionalidade, são planejadas de antemão e a mediação do professor é constante durante a sua realização.

Como exemplos de brincadeiras dirigidas pode-se destacar a roda cantada com a utilização de gestos corporais, a brincadeira de "corre cotia", o circuito motor, o túnel das sensações, os diversos jogos com regras, entre outros. Deve-se ainda frisar que se denominam brincadeiras, porém são atividades riquíssimas para o desenvolvimento infantil em todos os aspectos.

Durante as brincadeiras livres, como por exemplo, o faz de conta ou o que se chama de brincadeira simbólica, a criança traz muita informação para quem a observa. Brincando, ela representa muitas situações de sua vida real. O faz de conta, as imitativas e as dramatizações, permitem que a criança experimente diferentes papéis, e, ao encenar situações da vida real, maneje suas emoções.

Para Kishimoto (2010), a pouca qualidade da educação infantil pode estar relacionada com a oposição que alguns estabelecem entre o brincar livre e o dirigido. Para ela é preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. Ainda segundo a autora, a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras.

Oliveira (2010, p.68.), destaca que além de ser uma situação imaginária, o brinquedo é também uma atividade regida por regras. Mesmo no universo do "faz de conta", há regras que devem ser seguidas. Numa brincadeira de "escolinha", por exemplo, tem que haver alunos e uma professora, e as atividades a serem desenvolvidas têm uma correspondência preestabelecida com aquelas que ocorrem numa escola real.

A autora afirma ainda que são justamente as regras da brincadeira que fazem com que a criança se comporte de forma mais avançada do que aquela forma habitual para sua idade.

O Brincar Como Conteúdo Pedagógico

Nos últimos tempos, muitos profissionais da área da educação vêm se utilizando de recursos lúdicos para promover a aprendizagem dos educandos. A ludicidade como recurso pedagógico tem se mostrado uma estratégia de sucesso no que se refere ao alcance de objetivos preestabelecidos pelo professor, isso se deve ao fato que quando se sente prazer e descontração na realização de algo, as coisas se tornam mais fáceis e a possibilidade de se obter sucesso é muito mais garantida.

Nesse sentido, Rau (2012), destaca:

(...) a ludicidade, como elemento da educação, também é passível de demonstrar a evolução humana com base em suas interações sociais, culturais e motoras, pois o homem sempre teve em seu repertório as linguagens do brincar. (RAU,2012, p.25.)

O brincar faz parte da vida do ser humano e é essencial para sua constituição enquanto sujeito. É uma construção social e, através dele, a criança se apropria, ressignifica e reelabora sua cultura.

Assim, o brincar passa a ser ponto de partida para a prática pedagógica do professor e jamais um ponto de chegada, pois, ao observar a criança brincando, ele pode organizar as mais diversas situações de aprendizagens.

Neste eixo, o enfoque educacional do

brincar ocupa um lugar privilegiado, pois reconhece a importância do brincar como uma função sociocultural e educacional na construção de diferentes aprendizagens. Isso significa garantir espaços para a brincadeira intencional, que estimula o desenvolvimento integral da criança como sujeito global.

Entretanto, para muitos a escola não é lugar de brincar, e sim de aprender. Dentro dela, o "brincar" perdeu espaço para situações escolarizadas em que se prioriza o saber. Diante dessa realidade, constata-se que, à medida que a criança cresce, o ato de brincar, isto é, a brincadeira, torna-se cada vez mais raro e distante do ambiente escolar.

Se, por um lado, "brincar" dentro da escola é livre e espontâneo, por outro, também é algo proibido. Alguns professores partem do princípio de que a brincadeira é algo intrínseco à infância e que, portanto, não precisa ser ensinada; é uma atividade espontânea que cumpre seu fim em si mesmo.

Além disso, percebe-se que, ao longo do tempo, os espaços de brincar dentro da escola foram reduzidos limitando-se apenas ao horário e ao espaço físico, reservados ao intervalo.

Romper com esse paradigma dentro do contexto escolar significa assumir o brincar como uma situação privilegiada de aprendizagem, a qual necessita ser planejada intencionalmente pelo professor, garantida todos os dias na rotina de atividades como mais uma forma de construção de aprendizagens, fazendo parte, portanto, da organização curricular.

Assegurar o "brincar" na educação infantil significa propor situações organizadas e intencionais de forma a respeitar as características próprias dessa faixa etária. Significa contribuir para que a criança estabeleça relações entre novos conceitos e conhecimentos que já possui e assim possa fazer uso de seus saberes prévios, construindo e ampliando aprendizagens constituindo-os em novos conhecimentos.

Nesse aspecto, cabe à escola resgatar a cultura do brincar por meio das brincadeiras infantis e garantir a existência do lúdico com atividades individuais, coletivas regradas e não regradas, no sentido de proporcionar à criança o desenvolvimento de sua identidade, autonomia e socialização, assim como a experimentação de regras e papéis sociais.

O espaço físico da escola é, portanto, um espaço privilegiado para isso, já que a criança nessa faixa etária precisa conhecer, explorar, identificar e utilizar o espaço como mais um lugar para desenvolver suas habilidades e competências.

De acordo com Oliveira (2010, p.38), a interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é por meio da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja por meio dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo.

As interações são processos indissociáveis das brincadeiras, são formas de contato e troca com o outro e com o meio, possibilitando aprendizagens ricas e relevantes para a criança. Interagir e brincar são linguagens naturais da infância. Quando a criança brinca, ela interage e, interagindo, também brinca, e essa experiência promove aprendizagens.

A organização do trabalho pedagógico considera como eixos norteadores das práticas o brincar, as interações e as experiências que se relacionam de forma dinâmica. Essa tríade compõe o conjunto de práticas e as articulações de um currículo para a Educação infantil.

A Educação Infantil deve ter como principal eixo norteador o brincar, isto é, todas as atividades a serem desenvolvidas devem ser planejadas, levando-se em consideração a ludicidade. As crianças desta fase escolar devem aprender por meio de jogos, de movimentos corporais, de dramatizações, de contação de história, de música. Existe uma infinidade de atividades que podem ser desenvolvidas na faixa etária de zero a cinco anos de idade com a intencionalidade de promover o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial das crianças.

De acordo com Rau (2012, p.38), "Brincar propicia o trabalho com diferentes tipos de linguagens, o que facilita a transposição e a representação de conceitos elaborados pelo adulto para os educandos. Educar, nessa perspectiva, é ir além da transmissão de informações ou de colocar a disposição do educando apenas um caminho, limitando a escolha ao seu próprio conhecimento".

Uma das atividades que pode ser considerada como propícia para o pleno desenvolvimento da criança da educação infantil, são os denominados "cantos pedagógicos", realizados dentro da sala de aula, onde o professor disponibiliza alguns cantos com brinquedos, jogos diversos, kits simbólicos, materiais didáticos etc. todos separados, e permite que as crianças escolham livremente em qual canto quer brincar. Essa atividade propicia a oportunidade de escolha, desenvolve a autonomia, estimula a interação e a socialização.

A interação compete sempre à presença de duas ou mais pessoas, ou também de elementos que compartilham uma ação ou uma atividade. Pensando na criança de zero a três anos (creche), essa interação acontece

majoritariamente entre ela e seu educador, com outras crianças, com os brinquedos e materiais ou mesmo com o ambiente.

Deve-se ressaltar também a importância que se deve dar às atividades de desenvolvimento psicomotor, como por exemplo, os circuitos planejados e organizados com o intuito de desenvolver na criança, além da parte motora, a socialização com outras crianças, a compreensão de regras e a organização em grupos. Essa atividade pode e deve ser planejada em todas as faixas etárias, com maior ou menor grau de dificuldade de acordo com cada uma.

Evidentemente, ao brincar a criança desenvolverá outras habilidades, mas, o mais importante nesse momento é o uso da imaginação, as escolhas feitas por ela de forma espontânea, e suas próprias descobertas.

As Brincadeiras Tradicionais

O Brasil possui uma riqueza imensa de brincadeiras que integram a cultura brasileira lúdica, que é, ao mesmo tempo, heterogênea, diversa e comum. Tem influências europeias, africanas e indígenas e oferece um vasto repertório ao trabalho do professor.

As brincadeiras tradicionais, além de pertencerem ao patrimônio lúdico-cultural-infantil, traduzem valores, costumes e formas de pensamento fundamentais para a formação global do estudante, constituindo um material precioso para a construção de novos conhecimentos e auxiliando a preservação da cultura.

No desenvolvimento deste eixo, é fundamental que as brincadeiras tradicionais infantis sejam resgatadas e ensinadas à criança da educação infantil para que, dessa forma, possam ocupar um lugar permanente nas rotinas e no próprio desenvolvimento infantil.

As brincadeiras de roda, bola, trava-línguas, adivinhas, parlendas, peão, pipa, xadrez, dama, batalha naval, bolinha e gude e uma infinidade de jogos de estratégias e de percurso, tanto de origem tradicional como industrializados, compõem a modalidade do brincar. São brincadeiras marcadas pelo anonimato, estão sempre abertas a incorporar novas criações. Como são transmitidas de geração para geração, revelam crenças, valores, costumes, mitos e rituais religiosos, característicos de um povo em um determinado período histórico – o que assegura sua permanência na memória coletiva.

À medida que são socializadas e integradas nos diferentes contextos culturais, elas oferecem às gerações posteriores possibilidades de variações e alternativas – porém, conservam alguns de seus aspectos originais. É o caso, por exemplo, da brincadeira do "lenço atrás", também conhecida como "corre cutia" ou ainda "patinho feio": ela mantém as mesmas regras (disposição em roda, presença de

"perseguidores" e "perseguidos"), porém apresenta variações no uso do lenço, toque da mão na cabeça daquele que será o próximo perseguidor, e, a introdução de outros diferentes procedimentos como fechar os olhos ou esperar uma frase de alerta para assumir o papel de "perseguidor" ou "perseguido".

Nesse contexto, a brincadeira é uma prática cultural que possui, ao mesmo tempo, uma universalidade e uma especificidade. São rituais transmitidos culturalmente de geração em geração de modo expressivo ou por gestos ao longo da história humana, sofrendo influência direta do mundo em que o sujeito vive.

Cabe à escola resgatar as brincadeiras tradicionais, no intuito de mantê-las presentes na memória cultural, possibilitando, assim, a sua conservação, transmissão e, ao mesmo tempo, sua exposição a possíveis transformações. É importante considerá-las como saberes construídos historicamente, reconhecendo neles sua riqueza. No Projeto Político Pedagógico, isso implica firmar um compromisso que permita às crianças não só se apropriarem desses conhecimentos, como também adotar uma postura investigativa, curiosa, questionadora e criativa.

Sendo assim, o papel do educador consiste em conhecer, apresentar e

valorizar as diferentes cirandas, brincadeiras cantadas, danças e outras brincadeiras das múltiplas culturas existentes. Isso implica pesquisar, comparar, divulgar, colocá-las em discussão, dar vida à história, integrando crianças e comunidade escolar nesse trabalho. Aparece, aqui, a presença do educador como mediador do conhecimento, que participa de forma direta e ativa, brincando com as crianças e dando-lhes oportunidades de vivenciar essas brincadeiras de forma intensa e crítica.

Enfim, considerar as brincadeiras tradicionais no contexto escolar é lidar com parte significativa da memória cultural de um determinado grupo, que pode descobrir o que há de mais rico nas histórias de cada um.

Considerações Finais

Com os estudos realizados para a elaboração deste trabalho, pode-se concluir que o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil e que este deve ser considerado em todas as fases da infância, bem como ao longo do ciclo vital humano.

Conclui-se, portanto, que o brincar para a humanidade é tão importante quanto alimentar-se ou dormir. É algo extremamen-

te necessário à vida das pessoas. Pode-se dizer que o brincar é terapêutico e traz saúde e bem-estar para o corpo e a mente. Como o texto traz, a brincadeira desenvolve o psicológico das crianças e as tornam capazes de compreender o mundo real por meio do imaginário.

Percebe-se que na atualidade, devido à correria do dia a dia, o aumento da urbanização e consequentemente da violência, o brincar mesmo para as crianças está cada vez mais restrito ao quintal de casa ou ainda, se limitando ao espaço interno da casa. Os espaços para desenvolver brincadeiras estão diminuindo cada vez mais e muitas crianças não têm onde brincar e se divertir. Na maioria das vezes a única forma de diversão é sentar-se no sofá em frente à televisão e assistir a um programa infantil. Essa situação é lamentável, pois os estudiosos desse tema ressaltam o quanto é fundamental para a criança ter um espaço amplo para brincar, imaginar e criar.

Referências

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2.ed. – Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARON, Sandra C. Brincar: espaço de potência entre o viver, o dizer e o apender.

DANTAS, Heloysa. Brincar e Trabalhar. In: KISHIMOTO, Tizuco M.(org). O Brincar e suas Teorias. São Paulo: Pioneira, 2002, p.111-121.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. O Brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras – um olhar psicopedagógico. <Disponível em: http://revista.fundacaoaprender.org.br/p=78> Acesso em: 10 ago. 2023.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica – 2.ed. [rev. e ampl.] – São Paulo: Ática, 2012.

GRANDES PENSADORES, Revista Nova Escola. Edição Especial, n° 19, São Paulo: maio, 2010.

KISHIMOTO, Tizuco M. Importância do brincar para criança de 0 a 5 anos e 11 meses. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL:CURRÍCULO EM MOVIMENTO –

Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

KISHIMOTO, Tizuko. (org). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 7. ed.

São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 2010. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)

OLIVEIRA, Vera Barros de. O Brincar e a Criança do Nascimento aos Seis Anos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

RAU, Maria Cristina T. Dorneles. A Ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica [livro eletrônico] – Curitiba: InterSaberes, 2012.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. Imaginação, criança e escola. São Paulo: Summus, 2012. – (Coleção imaginar e criar na educação infantil)

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988